

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O conhecimento e o problema corpo-mente em Karl

Por: José Provetti Junior¹jose.provetti@ifpr.edu.br

Resumo

Esse texto destina-se a compreender o pensamento do filósofo Karl Raymund Popper sobre o problema do conhecimento inserido na questão do problema da relação corpo-mente. Para tanto, proceder-se-á à análise crítica a respeito de suas teses sobre o conhecimento objetivo e subjetivo, a respeito de seu Mundo três e o surgimento deste enquanto evolução emergente.

Palavras-chave: Epistemologia; Filosofia da Mente; Karl R. Popper; Interacionismo.

Resumo

Ĉi tiu teksto celas kompreni la pensadon de la filozofo Karl Raymund Popper pri la problemo de scio enigita en la problemon de la menso-korpa rilato. Tiucele, kritika analizo estos farita de liaj tezoj pri objektiva kaj subjektiva scio, lia Tria Mondo kaj ĝia apero kiel emerganta evoluo.

Ŝlosilvortoj: *Epistemologio; Filozofio de la menso; Karl R. Popper; Interagismo.*

Abstract

This text intended to comprehend the thought of the philosopher Karl Raymund Popper around the problem of knowledge inserted into the question of the problem of mind-body connection. Therefore, it will behave to critical analysis about his theses on the objective and subjective knowledge, about his three World, the emergence of this while emerging developments.

Keywords *Epistemology; Philosophy of mind; Karl R. Popper; Interactionism..*

Em “O conhecimento e o problema corpo-mente” (2002a) Popper propõe uma teoria da interação corpo-mente, que se fundamenta na relação desta teoria com o surgimento do evolucionismo, com a linguagem humana e com a sua tese a respeito do Mundo 3.

1 Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus Toledo/ PR, Mestre em Cognição e Linguagem pela UENF, professor de Filosofia do Instituto Federal do Paraná, campus de Assis Chateaubriand, coordenador, pesquisador e professor do Grupo de Pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias do IFPR – Assis Chateaubriand, pesquisador do Grupo de Estudos Karl R. Popper – UNIOESTE – Toledo, pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade – NEA – UERJ e autor do livro “A alma na Hélade: a origem da subjetividade Ocidental” (2011).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A teoria do Mundo 3 centra-se em um conceito que infere as noções de distinção entre conhecimento subjetivo e objetivo, a teoria da evolução e da emergência da linguagem enquanto processo evolutivo, a existência de um saber objetivo, que é produto autônomo da mente humana e compreender que o modo como a mente é usada é um sistema fiscalizador na resolução de problemas fundamentais da existência.

Popper trabalha a questão da distinção entre os conhecimentos objetivo e subjetivo, fala sobre a autonomia do Mundo 3, versa sobre este e a evolução emergente, expõe sua teoria sobre a questão da descrição, da argumentação e da imaginação linguística.

Tendo em vista o proposto nesse artigo, proceder-se-á à análise à apresentação das reflexões do filósofo tentando criticá-las a fim de compreendê-las.

Popper (2002a, p. 15), expõe dois problemas dos quais trata: a existência de dois tipos de conhecimentos, o objetivo e o subjetivo e a relação corpo-mente.

Indica que de maneira geral, os epistemólogos pouco tematizam o conhecimento objetivo, dando preferência ao conhecimento subjetivo, dado sua factualidade. Ou seja, tendo como fato inquestionável a existência fenomênica do conhecimento subjetivo.

Mais os teóricos do conhecimento se referem ao conhecimento subjetivo do que ao conhecimento objetivo, insinuando que o conhecimento objetivo devém do subjetivo, que muito contribuiria para a formação do conhecimento objetivo.

Segundo o comum dos epistemólogos, para Popper, o conhecimento objetivo é constituído por diversos elementos do conhecimento subjetivo e é o princípio do conhecimento objetivo.

Ora, Popper (2002a, p. 16) posiciona-se contrário a essa maneira de se raciocinar há pelo menos trinta anos², ou seja, para o autor analisado, o conhecimento subjetivo é que é constituído pelo conhecimento objetivo e, portanto, seria justamente ao contrário do que a tradição epistemológica costuma ajuizar o que se daria.

Popper defende essa tese partindo do princípio de que o conhecimento objetivo é internalizado através do contato social e da educação, a partir do momento que é criado pelo

2 A obra compulsada pelo autor deste artigo data do ano de 2002, porém o *copyright* remete-se a 1996 e na “Nota do autor”, Popper assina com a data de 1993. Portanto supõe-se que o filósofo defenda essas teses ao menos desde 1963.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

homem e, portanto, em epistemologia é de extrema importância buscar compreender o conhecimento objetivo e sua evolução, para a partir disso, procurar algum entendimento a respeito dos princípios do conhecimento subjetivo, pois como reforça Popper (2002a, p. 16) “o conhecimento subjetivo recebe mais do que dá”.

Popper fundamenta a sua abordagem a respeito do conhecimento, partindo do que denomina “questões controversas ou grandes questões”. Estas necessariamente partem do problema do conhecimento, a saber: a) o problema da racionalidade; b) o problema do progresso do conhecimento científico; c) o problema da função civilizadora deste; d) o problema da responsabilidade moral do cientista; e) o problema da dívida coletiva para com a civilização; f) o problema do papel da Universidade e da tradição em confronto com a crítica e g) o problema de que o conhecimento pode ser discutido de modo crítico e racional, enquanto os demais problemas podem degenerar em palavras vazias.

Nessa medida, discutir o problema do conhecimento se mostra necessário para parametrizar as demais questões que Popper apresentou como controversas e que, embora importantes, tendem a perder-se em opiniões mais ou menos bem fundamentadas, enquanto o miolo da discussão que pode nortear os demais debates. Trata-se do problema do conhecimento, portanto.

Para abordar a questão do conhecimento Popper (2002a, p. 17) apresenta o problema hoje ainda significativo no campo da filosofia da mente, a saber, a questão da relação entre o mundo físico e o mundo dos estados ou processos mentais.

O problema acima indicado remonta a uma antiga e profícua tradição filosófica, que pode-se afirmar ter sido sistematizada por Platão, com sua teoria das Ideias e correlatas. Que fora acentuado no período Moderno com Descartes, com o *cogito ergo sunt* e posteriores.

Ao compreenderem o homem numa perspectiva dualista não conseguiram fundamentar satisfatoriamente para seus críticos de ontem e de hoje, as bases do relacionamento entre o mundo físico e o mundo dos estados mentais.

Popper apresenta uma dinâmica comunicacional para representar as interações existentes entre os estados físico e mentais. No caso de um comunicante (emissor), em trato com outra pessoa (receptor), se daria o seguinte processo: o emissor elaboraria mentalmente o objeto de sua

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

comunicação, que seria codificada em seu idioma usual e verbalizado, sendo emitida a mensagem ao receptor. Este, por sua vez captaria sensorialmente o som codificado do emissor, o decodificaria e elaboraria mentalmente seu conteúdo, prosseguindo a vênua durante a comunicação entre ambos.

Para explicar as interações entre os estados físicos e mentais Popper estabelece o princípio de que “(...) devemos considerar como real aquilo que se influencia mutuamente (...)”. Ora, se numa simples comunicação entre dois falantes de algum código, que possuem simultaneamente um corpo e expressam conteúdos mentais através de alguma comunicação, observam-se as interações mútuas entre elementos físicos e mentais. Logo, Popper afiança que com base nesse princípio, tanto os elementos físicos quanto os mentais são reais.

Nesse particular, Popper (2002a, p. 18) se define como um “cartesiano *dualista*”, em seguida precisando melhor sua posição teórica afirma-se um “*pluralista*”, devido a admitir a existência de três Mundos. Considera o que denomina de “Mundo 3” é a teoria mais importante das soluções experimentais propostas até ao presente.

O Mundo 3 é composto por produtos da mente humana que em sua fenomenologia podem ser manifestar de maneira unitária, isto é, físico ou mentalmente ou, ainda, de maneira mista, ou seja, produtos mentais objetivos-físicos ou mentais subjetivos, isto é, objetivos-subjetivos.

Segundo Popper (2002a, p. 19) não se pode compreender o Mundo 2 (o dos estados mentais), sem que se compreenda que a sua principal função é produzir os objetos do Mundo 3. Ou seja, para Popper os estados mentais representados pelo que denomina de “Mundo 2” é a fonte geradora do que denomina “Mundo 3” (o dos produtos da mente humana).

No entanto, para bem se compreender as relações existentes entre os Mundos 2 e 3 de Popper haverá de se levar em consideração que o Mundo 3, após a sua criação pela mente humana torna-se autônomo, isto é, os produtos da mente humana uma vez descobertos por ela acionam um sistema de autonomia que indiferentemente da vontade humana em desenvolver-lhes os desdobramentos, apresentam-se-lhes como novos e inusitados problemas.

Em contrapartida, de-terminam o Mundo 2 e sucessivamente este vem a adequar-se a essas novas proposições interativas, simultânea e instantaneamente no que Popper denomina de “sistema de dádiva”, isto é, do Mundo 3 recebe-se mais do que se dá.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Com isso Popper esclarece que existem em sua tese três Mundos: o Mundo 1, composto por elementos físicos; o Mundo 2, formado por elementos mentais e o Mundo 3, constituído pelos produtos da mente humana (do Mundo 2).

Os três Mundos são interativos e co-de-terminantes, isto é, na medida em que alguma alteração se dá em um, os outros mais ou menos imediatamente se adequam às alterações, constituindo-se assim, um complexo sistema compensatório que Popper denomina de “realidade”.

A realidade, para Popper, portanto, caracteriza-se enquanto virtualidade e é ditável ou, ainda, editável linguisticamente pelo homem como indivíduo e espécie, em seu processo de interação biológica com o seu meio ambiente, tanto quanto os demais animais.

Apenas se admitindo a existência do Mundo 3, acredita o filósofo ser possível compreender as questões relativas ao problema corpo-mente, da tradição filosófica e do campo contemporâneo da filosofia da mente. Talvez, até do da filosofia da consciência, pois em se considerando as interações entre os Mundos 2 e 3, em sua interface objetiva, pode-se eventualmente aventurar-se algum pesquisador por essa seara tão em moda atualmente.

No entanto, mesmo com a solução popperiana, verificam-se questões que subjazem ao problema dos três Mundos, como por exemplo, as que Popper apresenta: 1. sobre a liberdade humana; 2. a respeito do domínio sobre a vida; 3. a questão da criatividade humana e 4. o problema das relações com o que se executa, o trabalho e como progredir através dele.

Para Popper (2002a, p. 22), essas questões podem ser aclaradas com a investigação em torno do conhecimento objetivo, pois este seria de cunho biológico e enquanto produto da mente humana, portanto, integrante do Mundo 3. Necessariamente ele repercutiria sobre os elementos do Mundo 1, isto é, o mundo físico, determinando-lhe enquanto “leitura linguística” classificável como realidade pelo Mundo 2.

Recordando que o componente do Mundo 3 é o conhecimento objetivo e este se compõe de suposições, hipótese ou teorias, problemas e argumentos, isto é, produtos mentais. Pode-se inquirir: de onde vem o Mundo 3 especificamente?

Para o filósofo seria um produto da evolução biológica humana, que emergiria do Mundo 2 por meio das interações deste com o Mundo 1, em consequência das ações pertinentes à



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sobrevivência. Assume o papel de amplificador de soluções que o Mundo 2 proporia em sua busca intencional de interação com o Mundo 1 e os problemas existenciais relativos à sobrevivência dos indivíduos e da espécie. Dito isso persiste a pergunta: como evolui o conhecimento objetivo?

Popper defende a tese de que enquanto produto dos estados mentais do homem em processo de sobrevivência, o conhecimento objetivo, no e pelo Mundo 3 trata-se de uma estratégia de resolução de problemas por meio do estabelecimento de teorias experimentais e pelos ensaios de eliminação de erros, sempre desembocando em novos problemas que modificados em sua proposição original mostram-se quase que inteiramente novos, pouco restando neles da proposição original.

Nesse sentido, a luta pela sobrevivência não se estabelece apenas entre os indivíduos mais ou menos aptos, mas radicalmente instaura-se no âmbito das teorias, que enquanto competitivas, somente as mais aptas sobrevivem. Embora guardem certa instância de provisoriedade válida até o estabelecimento de novos problemas e ensaios resolutivos *ad infinitum*.

Nesse sentido, Popper (2002a, p. 25) compara a formação de teorias, isto é, o conhecimento objetivo, como uma espécie de “(...) mutação exterior ao corpo, uma mutação exossomática”.

O conhecimento objetivo caracteriza-se como uma espécie de estratégia de poder, possibilitada ao homem através do Mundo 3 em interação com os Mundos 1 e 2, de maneira a ampliar o potencial de resolutividade de questões ambientais e de toda ordem que impliquem necessariamente a sobrevivência.

Em se admitindo essa tese de Popper, faz-se necessário concordar com ele quanto à predominância do conhecimento objetivo sobre o subjetivo, pois tendo em vista que o conhecimento objetivo decorre das relações interativas entre os elementos dos Mundos 1 e 2 e que estas estabelecem problemas que inferem a questão da sobrevivência.

Uma vez que se admita a existência do Mundo 3 e do conhecimento objetivo, tal qual o descreve Popper, necessariamente, o conhecimento subjetivo recebe mais do que dá ao objetivo, justificando-se, portanto, a crítica que o epistemólogo dirige à tradição gnosiológica que tem no conhecimento subjetivo a fonte do conhecimento objetivo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Tal afirmação se sustenta, sobretudo, se se levar em consideração e como válidas as teorias psicogenéticas da aprendizagem humana, como as de Piaget, Wallon, Bernestein e, sobretudo a teoria histórico-crítica de Vygostsky.

Todos esses defendem a realização de internalizações conceituais (dos ditos esquemas), importantíssimos para a construção da linguagem humana. Nesse sentido, para Popper (2002a, p. 26) raramente torna-se objetivo o conhecimento subjetivo, a menos que seja formulado em alguma linguagem, pois de maneira predominante, o conhecimento subjetivo é composto pelo que indica como “(...) potencialidades inatas, isto é, tendências e disposições.”

Ora, dessa maneira, o conhecimento subjetivo seria o conjunto de informações, memória e expectativas que o organismo possui e, portanto, o conhecimento subjetivo seria uma espécie de “tendência” de ação situacional, que Popper assinala como decorrente da seleção natural. Pouco contribuindo para a elaboração do conhecimento objetivo, mas o gerador, por excelência, do Mundo 3 enquanto estratégia amplificadora de poder sobre o meio ambiente.

Diferentemente da concepção de conhecimento inato platônica, que partia da noção tradicional da reencarnação da alma devido ao seu insucesso no processo de contemplação das Ideias, na procissão divina, Popper assinala que os conhecimentos inatos são propensões de expectativas do organismo para agir e reagir de determinada maneira, mediante alguma situação desafiadora. Mas que enquanto conhecimento subjetivo, raramente contribui para a formação do conhecimento objetivo, no Mundo 3.

Nesse sentido, em seu caráter biológico e evolutivo, o Mundo 2 aciona a criação e acessibilidade linguística ao Mundo 3, em constante interação com este e o Mundo 1 altera os conhecimentos inatos, linguisticamente, tanto quanto altera os elementos dos Mundos 1 e 3.

Porém, de maneria totalmente desproporcional isso se dá, pois na medida em que o Mundo 2 interage com o Mundo 3, este mais lhe proporciona do que do Mundo 1 algo retira, parametrizando, portanto, a própria leitura que o Mundo 2 faz e pode realizar dos elementos e fenômenos provenientes do Mundo 1.

Assim, o conhecimento objetivo é formado de problemas, teorias e argumentos, enquanto o conhecimento subjetivo é constituído de disposições ou tendências, no sentido de expectativas.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Com o exposto até ao presente verifica-se que a tese de Popper (2002a, p. 40) qualifica a teoria empirista do conhecimento como totalmente equívoca, pois a maior parte das tendências humanas que formam seu conhecimento é inata ou hereditária. O restante, nada mais é do que modificações dessas inclinações ou propensões inatas, provenientes do conhecimento objetivo. Anulando-se assim, as filosofias que pressupõem a relação ensino-aprendizagem a partir da tábula rasa aristotélica.

Para esclarecer a exposição, Popper (2002a, p. 44) estabelece a distinção entre pensamentos objetivos e subjetivos, considerando-se que por pensamento subjetivo entende que seja um processo mental que difere segundo a ocasião e a pessoa, acontecendo em certo momento.

Já o pensamento objetivo caracteriza-se como sendo o conteúdo de uma afirmação ou o encadeamento de um argumento ou, ainda, a dificuldade de uma questão que se apresenta enquanto desafio de sobrevivência a um indivíduo ou espécie, isto é, ao Mundo 2.

Segundo a tese popperian acima descrita, a distinção entre os pensamentos subjetivo e objetivo é que o primeiro é apenas mental, privado, ocasional e particular, enquanto o pensamento objetivo é o conteúdo lógico de alguma proposição e, por conseguinte é acessível, comunicável em alguma linguagem humana e, portanto, comunicável, socializável, universalizável entre os membros da espécie.

No entanto, uma das características mais notáveis dos elementos do Mundo 3 é que são autônomos, isto é, a despeito da consciência que os homens tenham ou não de sua existência ele existe e encadeia novos problemas independentes do que motivou o homem a acessá-lo, ampliando-se por assim dizer, a consequência é que do conhecimento objetivo se tira mais do que se dá.

Esse processo se estabelece através da linguagem, que Popper afirma ter dois aspectos: : palavras, conceitos, designações ou termos, significados, definições e conceitos – o primeiro. Afirmações; proposições, teorias, hipóteses ou asserções, verdade, derivações e proposições primitivas – o segundo.

Em se relacionando um grupo com o outro, Popper (2002a, p. 48) afirma que:

As palavras podem formular afirmações. Conceitos, designações ou termos podem formular proposições, teorias, hipóteses ou asserções. Estas podem ser significativas e verdadeiras. O significado e a respectiva verdade podem ser



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

reduzidas por meio de definições a derivações. E conceitos primitivos a proposições primitivas.

Nesse sentido, os termos relacionados no primeiro grupo (palavras, conceitos, designações etc), embora sejam análogos aos do segundo grupo (afirmações, proposições, teorias, etc), não são importantes em sua teoria do conhecimento objetivo. Já as outras são de suma importância, pois constituem os elementos do Mundo 3.

Popper afirma que o Mundo 3 é uma ferramenta exossomática do homem e que a sua origem se estabelece pelo processo de seleção natural, desde os animais até ao homem.

No entanto, embora os indícios de algo semelhante ao Mundo 3 existam nos animais, o homem foi o único que produziu o que o autor denomina de “conhecimento objetivo” propriamente dito.

Os animais possuem linguagem, e enquanto tal, isso lhes caracteriza como usuários de um instrumento exossomático que antecedeu evolutiva e geneticamente o Mundo 3 humano. O que se pode derivar que os animais também possuem uma base genética inata, que não conseguem desenvolver conhecimento objetivo, mas se aproximam bastante do conhecimento subjetivo humano.

Ou seja, no âmbito da história natural, o elo de aproximação entre animais e homens seria o uso da linguagem e a base genética inata para alcançar, em certa medida, os rudimentos do Mundo 3, por parte dos animais e a plena inserção neste Mundo, por parte dos homens, ambos através da linguagem.

Na e pela linguagem, portanto, encontra-se o ponto de proximidade e simultaneamente de afastamento entre os animais e os homens, pois há algo na linguagem humana que lhes permite elaborar debates críticos e descrições, além de se expressar e de se comunicar, como o fazem os animais.

O Mundo 3, tal qual o descreve Popper existe devido aos homens, para solucionar problemas biológicos. Nesse sentido, dado a proximidade dos animais no que se refere à base genética inata e ao uso da linguagem, o filósofo afirma que qualquer animal em seu respectivo meio ambiente aciona algo semelhante à base do Mundo 3 e de seus problemas.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O que leva a crer que o Mundo 3 existe independentemente da mente humana, isto é, à despeito da consciência que se tenha ou não de sua existência.

Popper (2002a, p. 56) assinala as diferenças entre os Mundos 3 e o 1. A primeira consiste em que entre estes existe o que o filósofo chama de “Mundo 2”. A segunda é que o Mundo 3 produz efeitos sobre o 2 e o 1, mas em relação ao Mundo 2, o 3 é uma espécie de “amplificador” dos poderes deste sobre o Mundo 1.

Nesse sentido, de “amplificador” dos potenciais interativos conscientes inerentes ao Mundo 2, o Mundo 3 é iniciado pelo homem e sua linguagem, sendo por conseguinte, a ética e/ ou a moral um produto linguístico humano.

Popper crê que não existe finalidade no campo moral, tanto quanto no científico devido ao constante estabelecimento de novos problemas, que fazem se repensar constantemente as afirmações científicas e morais.

Por isso o Mundo 3, enquanto produto da mente humana é real, tanto quanto o Mundo 1. Embora uma teoria seja abstrata ela é tão real quanto uma montanha, na medida em que ambos permitam que os homens interajam com elas. E na razão direta dessa interação o mundo se modifica, modificando-se mais ou menos imediatamente, os elementos dos três Mundos.

Popper (2002a, p. 63) inicia sua reflexão em torno do Mundo 3 e a evolução emergente, reforçando a ideia e ampliando-as com novos exemplos. Afirma que o Mundo 1 é composto de objetos físicos, incluindo organismos. O Mundo 2 é constituído pelas experiências mentais conscientes e o Mundo 3 é formado pelos produtos da mente humana, as teorias.

No âmbito dessa reclassificação, Popper (2002a, p. 65) informa que sua teoria descende de uma linhagem que o liga à poesia helênica de Hesíodo, às filosofias de Xenófanes de Cólofon, a Heráclito de Éfeso, a Parmênides de Eleia, a Aristocles de Atenas (Platão)³, a Aristóteles de Estagira, aos filósofos estoicos, a Plotino de Alexandria, a Leibniz, a Bolzano, a Frege e talvez a Hesserl.

No entanto, nessa obra se dispõe a falar apenas de Platão, Bolzano e de Frege para esclarecer a respeito da filiação teórica de seu Mundo 3.

3 Para aprofundamentos remeta-se o leitor ao livro *The world of Parmenides: essays on the presocratic enlightenment*, de Popper (2002b), em versão para o Português pelo autor deste texto.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Segundo Popper, sua teoria dos três Mundos se fundamenta estruturalmente na teoria das Ideias tradicional de Platão⁴, isto é, o primeiro mundo de Platão é o único mundo real e divino, à semelhança do Mundo 3 de Popper. Contudo, o mundo das Ideias de Platão não contém problemas nem argumentos e teorias.

Nele existem apenas conceitos, isto é, Ideias para Platão e Formas para Aristóteles. Essas Ideias são objetivas e observáveis pela intuição intelectual, tanto quanto os objetos físicos são observáveis pelos olhos.⁵

O segundo mundo de Platão é o da alma (*psyché*) ou espírito. Popper (2002a, p. 65) informa que a alma humana habitava o mundo das Ideias antes de reencarnar⁶ e delas distingue-se com nitidez, mantendo-se a última personalidade que vivera, conforme se vê em Proveti Jr. (2007).

A necessidade da reencarnação em Platão, segundo Popper (2002a, p. 65) é uma espécie de “perda da graça”, por meio da qual a alma se insere no mundo três de Platão, a saber: o dos corpos físicos.

Devido ao processo de “queda”, que é descrito no “Fédro” de Platão (s/ d) com a denominada “procissão divina”, isto é, cada alma segue o deus a que é afeita e durante as revoluções tentam equilibrar a atuação da parelha alada, composta pelos cavalos branco e negro durante a contemplação das Ideias.

Na medida em que observam o maior número de Ideias robustecem as asas da parelha, enquanto que se não conseguirem dominar o cavalo negro, que prejudica a contemplação, por pouco visualizarem as Ideias, as asas fenecem e a queda é o fanal que leva as almas nessa situação a sofrerem uma amnésia, que durante a reencarnação só pode ser atenuada através do exercício filosófico.

4 Para acessar informações sobre a nova interpretação de Platão remeta-se o leitor a Reale (2004) e a Proveti Jr. (2007), que embora se distinga algo significativamente das versões tradicionais vinculadas ao paradigma interpretativo de Schleiermacher, provavelmente compulsadas por Popper, mantém a mesma abordagem desenvolvida por Popper, porém ampliada e reduzindo-se alguns pontos da crítica do filósofo ao pensador ateniense.

5 Para aprofundamentos remeta-se o leitor para Proveti Jr. (2011; 2007).

6 Para aprofundamentos remeta-se o leitor a Proveti Jr. (2011; 2007; 2000).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O que segundo Platão viria a libertar a alma dos ciclos paligenésicos, restituindo-a ao mundo das Ideias e à plenitude de seu patrimônio mnemônico das contemplações anteriores e decorrentes do conjunto de suas existências no mundo sensível.

Popper (2002a, p. 65) estabelece a diferença entre sua teoria e a de Platão. O ateniense sustenta a teoria da queda ou degeneração dos seres humanos, que são forçados a reencarnarem e praticarem a filosofia para se recordarem das Ideias contempladas. Para se libertarem dos ciclos reencarnatórios.

A de Popper fundamenta-se na teoria de que há uma ascensão evolucionista biológica, que se inicia no Mundo 1, se especializa no âmbito do Mundo 2 por meio da linguagem e com o homem alcança a acessibilidade ao Mundo 3. Que vem a amplificar a margem de manobra e poder do Mundo 2 sobre o Mundo 1 e 2, sempre de maneira interativa.

Para Platão, seu mundo das Ideias é formado por conceitos deificados ou diz-se melhor “hipostasiados”, isto é, “(...) considerar uma em si aquilo que não passa de um fenômeno (...) ou de uma relação (...)” (JAPIASSU & MARCONDES, 1993, p. 119).

Já os de Popper, o equivalente ao Mundo das Ideias de Platão é o seu Mundo 3, que é formado por teorias, argumentos e de problemas em aberto. Nesse sentido, Popper assinala, no entanto, que ambas as teorias tem na linguagem um elo de ligação que é histórico.

Tanto Platão quanto Popper afiançam que é a linguagem um elemento de diferenciação cognitiva que cria uma certa distinção existencial na maneira pela qual o conhecimento pode ser elaborado, apropriado e comunicável.

Para Platão, através da terceira navegação, constante do “Fédon” (1996) a linguagem possibilitaria a Sócrates emergir das preocupações dos físicos pré-socráticos à compreensão do mundo dos números matemáticos, o dos entes matemáticos, das Ideias e dos Primeiros Princípios do *Uno* e da *Díade do Grande-e-do-Pequeno*, conforme se verifica em Reale (2004).

Para Popper, a linguagem é a função inata da base biológica animal e humana que elabora o Mundo 2 e possibilita ao primeiro alguns ensaios exossomáticos no Mundo 3. Ao segundo, viabiliza a formulação de algum conhecimento subjetivo a ser projetado no Mundo 3, mas que sobretudo este é que vem a fecundar prodigiosamente o conhecimento do Mundo 2 através do



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conhecimento objetivo determinando-lhe, inclusive, as diversas possibilidades teóricas do Mundo 2 ler e interagir com o Mundo 1.

Em síntese, as distinções são que para Platão em seu mundo das Ideias existem palavras, conceitos e significações, enquanto que para Popper, em seu Mundo 3 existem afirmações, teorias e verdade. Para Popper (2002a, p. 65), os elementos constitutivos do mundo das Ideias de Platão são menos importantes do que os de seu Mundo 3, o que fundamentaria a mais importante distinção de sua teoria da do ateniense, embora sua ligação estrutural.

No entanto, Popper (2002a, p. 66) assinala que a fonte teórica de sua proposta não reduz-se apenas a Platão, mas que remete-se também a Bolzano, isto é, a Bernard Bolzano, matemático, teólogo e filósofo Tcheco que vivera em entre 1781 e 1848.

Segundo Popper, esse pensador introduziu o que denominou de “mundo das afirmações como tal” que seria real, mas não do mesmo tipo de realidade do mundo físico. Lamentavelmente Bolzano não explicou as relações entre o seu mundo das afirmação como tal e o mundo físico, mas diferentemente da tradição platônica, que multimilenarmente acabou sendo classificada como “fantasiosa” ou, no mínimo, “muito teórica” ou “abstrata”, por ter sido vítima de um grande erro de interpretação anacrônica.

O pensamento de Bolzano teve a vantagem de trazer o mundo das afirmações como tal para o âmbito da realidade, mesmo sem explicar suas interações.

Popper (2002a, p. 67) afirma que aperfeiçoou sua teoria dos três mundos com os trabalhos de Gottlob Frege, que havia assinalado a necessidade de distinguir com rigor os aspectos psicológicos dos lógicos, instando a classificar estes consecutivamente como: o primeiro como “*Processos do pensamento subjetivo ou atos de reflexão ou, ainda, pensamentos no sentido objetivo*”.

O segundo, como “*Conteúdos do pensamento objetivo ou conteúdos de atos de reflexão ou pensamentos no sentido objetivo*.”

Segundo Popper (2002a, p. 68), Frege foi o primeiro a propor o terceiro reino (ou Mundo 3) como “(...) o domínio do pensamento objetivo no sentido objetivo. Formado por conceitos e proposições verdadeiras e falsas.” No entanto, Frege não mencionou argumentos. Portanto, de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

maneira explícita, Popper indica a fonte teórica e histórica de onde procede sua teoria do Mundo 3, isto é, de Platão, de Bolzano e de Frege.

No entanto, tanto quanto Bolzano e Frege, Popper ao vincular-se a esta tradição também depara-se com a tradicional oposição a essa tese, que remonta a Antístenes de Atenas, fundador da escola cínica, aos nominalista medievais, a Hobbes, a Locke, a Berkeley, a Hume, a Mill, a Russel, que Popper acusa de ser “ambíguo” e à tradição linguística, exceto Bühler. A Hegel, a Husserl e a Dilthey. Estes tendendo ao psicologismo. Finalmente, à tradição monista, positivista lógica, behaviorista e fisicalista da filosofia da mente contemporânea.

Popper (2002a, p. 68) informa que usou pela primeira vez os termos “Mundo 3” em 1966, em um artigo que tinha um outro material como base argumentativa, publicado entre 1933-34. Porém, mesmo depois de tantos anos, ele se classifica no livro como efetivamente “fora de moda”.

Isso se dá no que se refere à corrente majoritária que tenta explicar as relações corporemente no sentido monista, fisicalista e reducionista. No entanto, para o filósofo, a sua teoria do Mundo 3 é a única que possibilita lançar alguma luz de certa qualidade sobre a questão corporemente.

As características de seu Mundo 3 são: a) autonomia; b) é obra humana; c) é real; d) funciona sob o sistema de dádiva e recebimento, que Popper indica como sendo o efeito de “uma transformação energética”; e) emerge do reino animal, o que levou o filósofo a explicá-lo à luz da teoria da evolução.

Apesar de remeter-se aos trabalhos de Charles Darwin, Popper (2002a, p. 70) compreende que a teoria do britânico não é totalmente adequada, pois ela explica o “(...) aumento global de formas diferentes recorrendo à hereditariedade associada à mutabilidade (...)”.

No intuito de aperfeiçoar a teoria de Darwin, Popper (2002a, p. 71) afirma que os organismo sempre estão a resolver problemas, mesmo durante o sono, constituindo isso a sua primeira tese, isto é, há uma permanente resolução de problemas.

Isso se aplica também às partes dos organismos. Tal resolução de problemas se dá através dos *comportamentos de ensaio*, exibidos no processo de eliminação de erros, ocorrendo de maneira infinita.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Os indivíduos semelhantes seriam o que Popper (2002a, p. 71) denomina de “armas das espécies”, considerando por este termos (espécie) como algo abstrato que quer dizer “a abrangência de todos os indivíduos do mesmo grupo taxionômico.

As espécies produzem os elementos que a compõem pela mistura do material genético hereditário e por meio do ensaio os gêneros de formas individuais são formados.

Popper não crê em uma ação aleatória ou acidental das composições genéticas hereditárias. Acredita que os comportamentos de ensaio eliminam com rapidez e sempre se relacionam com a resolução de um problema específico, dando-se o mesmo no que tange à relação dos indivíduos com as espécies, no processo de seleção natural ou qualquer outro pelo qual tal ação se dê durante a conquista do meio ambiente pela espécie.

Nesse sentido, o que chama a atenção de Popper na teoria da evolução é o que ele denomina de “arma comportamental”, pois segundo ele (2002a, p. 74) tratam-se do “(...) verdadeiro motor de todo o desenvolvimento, constituindo-se na genuína entrada para onde tentamos penetrar. (...).

É por isso que na teoria de Popper, aproveitando-se da teoria da evolução de Darwin, “(...) o comportamento é mais importante do que a anatomia. (...) Para explicar a evolução (...)”. O que Popper chama de “arma comportamental” é o elemento da teoria evolutiva a partir do qual tudo o mais deriva, inclusive qualquer mudança anatômica, pois segundo o filósofo, são decisivas, em particular, as nossas preferências.

Porque se qualquer característica ou uma especificação do comportamento perdurar por uma certa quantidade de tempo, pode vir a se tornar o que Popper (2002a, p. 74) denomina de “tradição”, isto é, vir a tornar-se um comportamento preferencial dentre uma imensa gama de outras possibilidades.

Na medida em que tal comportamento torna-se tradicional, isto é, um dado modelo comportamental é assumido enquanto padrão, segundo o filósofo, pode dar-se o que vem a chamar de “implantação hereditária” dessa característica, por meio de pequenas, mas reais mutações anatômicas para que se obtenha o sucesso para se alcançar a tal postura comportamental eleita pelo organismo como tradicional.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Nesse sentido, para Popper, as mutações só vem a se dar se a tradição não tiver outras hipóteses viáveis, o que viria a impedir a especialização da implantação hereditária rumo à perfeição do que o organismo adotou como sua preferência.

Note-se aqui que Popper necessariamente parte de um princípio voluntarista (liberdade) do estabelecimento de alguma preferência. Por exemplo, alimentar, que o organismo vem a adotar como meta a ser satisfeita e nessa medida, configura seu relacionamento para com o seu meio ambiente estabelecendo-se os parâmetros de satisfação e preparando-se estratégica e comportamentalmente para atender às suas necessidades.

Infere-se assim, a aceitação do filósofo de algum grau de consciência e intencionalidade do organismo enquanto arma comportamental da espécie.

No caso humano isso não traz estranhamento, em especial devido às explicações que Popper fornece a respeito da psicologia humana enquanto postura comportamental observável, que estabelece a demonstração objetiva das interações que o Mundo 2 estabelece entre os Mundos 1 e 3. No entanto, e quanto ao animal ou, ainda, os vegetais, no sentido de espécimes?

No livro, Popper menciona apenas o caso dos animais e que por possuírem linguagem, enquanto organismos que acessam algo do Mundo 3, devem possuir alguns graus de consciência e de liberdade. Porquê, efetivamente verificam-se comportamentos intencionais em determinados indivíduos de certas espécies, cuja a tradição descreve o mesmo caminho que Popper afiança ao estabelecimento de implantes hereditários aos homens.

Ora, em se considerando a implantação hereditária de alguma especialização como de imenso valor de sobrevivência ao longo de um substancial período de tempo, Popper com isso afirma que as implantações hereditárias tem uma base genética que devido ao tempo de exposição voluntária do organismo, na resolução de problemas ambientais para alcançar o que estabeleceu enquanto parâmetro de satisfação, dão-se mudanças anatômicas.

Enquanto especializações comportamentais, podem ser uma imensa vantagem momentânea, mas simultaneamente, preestabelece o que Popper denomina de “armadilha”, pois ao se especializar em dada situação mais ou menos voluntariamente, desde que venham a se alterar as condições ambientais, põem-se em risco os indivíduos que compõem essa espécie.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Portanto, a fim de se inventariar o exposto até ao momento estabelecer-se-á as distinções entre as teorias de Popper e a de Darwin.

Para Darwin, a sua teoria da evolução por meio da seleção natural se refere à sobrevivência em geral e em específico menciona a luta dos indivíduos de todas as espécies pela sobrevivência.

Para Popper, sua teoria foca-se em problemas bem específicos, por exemplo, a preferência a se consumir certo tipo de alimento.

O problema gerado por essa preferência comportamental do organismo estabelece a necessidade de se propor alguma teoria experimental para que através do processo de eliminação de erros chegue a um novo conjunto de problemas, pois a eliminação de erros não é uma mera luta pela sobrevivência entre os indivíduos, mas implica a necessidade de se evitar alguns comportamentos para se alcançar o objetivo de se solucionar os problemas em questão.

Nesse sentido Popper propõe a sua teoria da emergência de novas formas, que surgem enquanto armas da espécie para dominar seu meio ambiente, na posição de soluções experimentais. Ao atingir a resolução de tal problema, logo se mostram novos desafios ambientais e nessa medida, os novos problemas surgem no âmbito da evolução, tendo como base o comportamento e as inovações comportamentais, na medida em que se caracterizam como a verdadeira arma evolutiva.

Portanto, o desenvolvimento de novos objetivos comportamentais dos indivíduos e das espécies assinalam suas preferências e capacidades de satisfazê-las. Tal situação gera modelos comportamentais que aumentam ou diminuem o que Popper denomina de “base genética do comportamento”.

O que implica o aparecimento de um novo problema de sobrevivência que dado as suas características promovem a adaptabilidade através da especialização genética.

A teoria de Popper tem no comportamento do organismo individual, das espécies, dos gêneros ou o que Popper chama dos *phyla*, o verdadeiro motor da evolução.

O comportamento do organismo ante os desafios ambientais pela sobrevivência, portanto, tem parte de sua base na composição genética de caráter hereditário e parte na amplitude de reações comportamentais possíveis, que podem ser encaradas como teorias experimentais.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A preferência que os organismos desenvolvem por meio de seu comportamento é considerada como um elemento crucial para a manutenção da qualidade da tradição, isto é, a preferência vem a determinar o direcionamento que a tradição adota e nesse particular a implantação hereditária apenas se estabelece, na medida em que após um longo período de tempo em que o organismo se mantém inalterado efetua-se alguma modificação anatômica.

Isso se dá apenas se não estiverem disponíveis outros modelos comportamentais, o que acaba por comprometer a segurança existencial do organismo e da espécie, na medida em que houver qualquer modificação ambiental.

O comportamento depende da hereditariedade em maior ou menor grau, pois os comportamentos sempre visam a solucionar problemas ambientais e existenciais. O comportamento, nesse sentido é a tradição que vem a constituir-se em teorias experimentais ou no que Popper chama de “armas dos indivíduos ou das espécies”.

Sua teoria não contém a ideia de previsão da adaptabilidade, mas por outro lado ela implica na ideia de anadaptabilidade. Por isso, a implantação genética de uma especialização pode vir a tornar-se letal no futuro, mesmo que haja algum sucesso durante algum tempo, mas depois pode redundar em extinção num futuro breve.

Disso decorre a teoria de Popper que atesta que a ascensão genética consiste numa tendência para um aumento da variedade para espécies cada vez mais diferenciadas, ao invés do que afirma Darwin, que defendia ser a ascensão genética geral. Coisa que Popper acredita não existir.

Nesse sentido, apenas diante do surgimento de novos problemas ocorrem modificações comportamentais que implicam na elaboração ou adaptação de novas tradições, que tenderão ou não, com o passar do tempo e a variedade de opções, à especialização com alguma modificação anatômica.

É importante compreender que nessa teoria de Popper os novos problemas emergem dos problemas ambientalmente dados e das preferências que os organismos adotam e, portanto, com o surgimento de novos problemas e estes pouco lembram os problemas originais.

Com isso se encerra esse artigo sobre o pensamento de Popper a respeito do conhecimento e o problema corpo-mente, ressaltando-se que no processo de interatividade entre seus três mundos,

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mediatizados na e pela linguagem, os processos de adaptabilidade ou anadaptabilidade dos indivíduos e espécies aos desafios de seu meio ambiente proporcionam um constante sistema existencial interacionista e emergentista de propensões.

A tônica motivacional dessas interações é o aparecer de inusitadas questões que podem ou não se tornar uma mudança anatômica, determinando-se o extinguir ou as transformações necessárias à subsistência dos indivíduos ou espécies, a partir do comportamento preferencial em questão.

Desse ponto comportamental preferencial elementar constata-se, então, em Popper, que a linguagem é simultaneamente o elemento de aproximação e de distinção, no reino animal, entre a humanidade e as demais espécies.

Pois ao homem, por meio de suas interações existentes entre os Mundos 1, 2 e 3, diferentemente dos animais, o que fica em jogo diante de uma testagem existencial são suas teorias. Podendo essas serem executadas e inócuas sem que se comprometa a vida de seu enunciante.

Quanto aos demais demais viventes, a questão é estrita e imediatamente determinante, pois literalmente é tudo ou nada que está envolvido. Donde conclui-se com Popper (2002a) que o conhecimento subjetivo mais recebe do que dá ao objetivo, na medida em que enquanto estratégias de dominação do ambiente calcadas na e pela linguagem, o Mundo 3 mais e mais amplifica e condiciona a estruturação da realidade aos Mundos 2 e 1.

Referências

- JAPIASSU, H. & MARCONDES, D. . **Dicionário básico de filosofia** . Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- PLATÃO . **Fédon** . São Paulo: Abril Cultural, 1996.
- _____ . **Fedro** . Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/ d.
- POPPER, K. R. **O conhecimento e o problema corpo-mente** . Lisboa: Edições 70, 2002a.
- _____ . **The world of Parmenides: essays on the presocratic enlightenment** . London and New York: Routledge, 2002b.
- PROVETTI JR., J. . **A alma na Hélade: a origem da subjetividade Ocidental** . Umuarama: JPJ Editor, 2011.
- _____ . **O dualismo psyché-sôma em Platão** . Campos dos Goytacazes: UENF. Dissertação apresentada como quesito de conclusão do mestrado em Cognição e Linguagem, 2007. Disponível no sítio http://www.pgcl.uenf.br/2013/pdf/COGNICAO_6587_1268069635.pdf



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

_____ . **A alma na Grécia: a origem do indivíduo** . Rio de Janeiro: UERJ. Monografia apresentada como quesito de conclusão de curso de graduação em Filosofia. Circulação restrita, 2000.